

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS  
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

KARLA MAFRA TABALIPA

**A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE COMPULSÓRIA E A SOLIDÃO MATERNA  
COMO CONSEQUÊNCIA EM *AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE*, DE BUCHI EMECHETA**

FLORIANÓPOLIS  
2022

KARLA MAFRA TABALIPA

**A REPRESENTAÇÃO MATERNIDADE COMPULSÓRIA E A SOLIDÃO MATERNA  
COMO CONSEQUÊNCIA EM *AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE*, DE BUCHI EMECHETA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Letras-  
Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de  
Comunicação e Expressão da Universidade Federal de  
Santa Catarina apresentado como requisito para a  
obtenção do Título de Bacharel em Letras-Língua  
Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Susan Aparecida de Oliveira

FLORIANÓPOLIS  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Tabalipa, Karla Mafra

A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE COMPULSÓRIA E A SOLIDÃO  
MATERNA COMO CONSEQUÊNCIA EM AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE,  
DE BUCHI EMECHETA / Karla Mafra Tabalipa ; orientador,  
Susan Aparecida de Oliveira, 2022.

27 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português,  
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. Maternidade compulsória. 3.  
Solidão Materna. 4. Maternidade em África. 5. Buchi  
Emecheta. I. Oliveira, Susan Aparecida de. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras  
Português. III. Título.

Karla Mafra Tabalipa

**A representação da maternidade compulsória e a solidão materna como consequência em As alegrias da maternidade, de Buchi Emecheta**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas

Local, 25 de março de 2022.



Documento assinado digitalmente  
Carla Regina Martins Paça  
Data: 24/08/2023 13:16:09-0300  
CPF: \*\*\*.750.099-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.(a) Carla Regina Martins Valle, Dr.(a)  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**



Documento assinado digitalmente  
SUSAN APARECIDA DE OLIVEIRA  
Data: 23/08/2023 14:52:25-0300  
CPF: \*\*\*.650.429-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.(a) Susan Aparecida de Oliveira, Dr.(a)  
Orientador(a)  
UFSC

---

Prof.(a) Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos, Dr.(a) Avaliador(a)  
USJ



Documento assinado digitalmente  
LUANA BAROSSO  
Data: 23/08/2023 15:28:48-0300  
CPF: \*\*\*.149.829-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.(a) Luana Barossi, Dr.(a)  
Avaliador(a)  
UFSC



Ministério da Educação  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação de Expressão  
Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

#### ATA DE SESSÃO DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ata da sessão de defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do(a) estudante Karla Mafra Tabalipa, realizada no dia 25 de março de 2022, às 14 horas, por webconferência.

1 Aos vinte e cinco dias do mês de março do ano de dois mil e vinte dois, às quatorze horas,  
2 por webconferência através do Zoom Meeting, reuniram-se a Banca Examinadora, designada  
3 pela Portaria n.º 08/2022/CCE, de 24 de março de 2022, constituída pelos(as) membros:  
4 Susan Aparecida de Oliveira, orientador(a) e presidente da sessão, Izabel Cristina da Rosa  
5 Gomes dos Santos, membro titular, Luana Barossi, membro titular e Indianara Hoffmann,  
6 suplente; e o(a) acadêmico(a) Karla Mafra Tabalipa, regularmente matriculado(a) nesta  
7 instituição, sob o número 15250551, no curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa  
8 e Literaturas de Língua Portuguesa, para a realização da defesa pública do Trabalho de  
9 Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A representação da maternidade compulsória e a  
10 solidão materna como consequência em *As alegrias da maternidade*, de Buchi Emecheta".  
11 Aberta a sessão, coube ao(à) acadêmico(a) apresentar seu trabalho e, em seguida procedeu-  
12 se à arguição e à avaliação, feitas nos termos do regulamento do TCC do curso. Concluída  
13 essa etapa, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do trabalho do(a)  
14 acadêmico(a), conferindo-lhe nota final dez (10). O(a) acadêmico(a) foi notificado(a) que  
15 deverá realizar a submissão da versão final do TCC, com as modificações sugeridas pela  
16 banca, no Repositório Institucional da UFSC, conforme a Resolução Normativa n.º  
17 126/2019/CUn, de 28 de maio de 2019, e as orientações do manual de submissão da  
18 Biblioteca Universitária, em até 30 (trinta) dias após a defesa. Nada mais havendo a tratar, a  
19 sessão foi encerrada, sendo lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da  
20 banca examinadora e pelo(a) acadêmico(a). Florianópolis, 25 de março de 2022.

Dedico este trabalho às matriarcas que me precederam: minha avó paterna Julieta (in memoriam), minha avó materna Alaíde (in memoriam), minha mãe Ivonete (in memoriam), minha madraستا Rosana (in memoriam) e minha madrinha Rogéria, que foram forjadas na força e na resistência e cujas vozes ainda ecoam e transformam a mulher/mãe que sou.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu pai, José Roberto, um patriarca que não se limitou a esse papel, se ‘dividindo em muitos’ quando eu e meus irmãos perdemos nossa mãe - muito cedo-, cumprindo sua missão com amor, dedicação e esforço.

Ao meu filho Pedro, minha luz, agradeço por me ajudar a construir a mãe que eu sou, nessa nossa troca de amor e cuidados, que me permitiu encontrar algumas alegrias pelos caminhos da maternidade.

Aos meus irmãos, pedaços importantes de mim e da minha trajetória, Luciano, Roberto, Adalberto e Karolyne, minha gratidão. E ao nosso irmão Carlos, o nosso Duda, que nos deixou fisicamente em 2021, mas que, enquanto existirmos, será eterno em nós: meu muito obrigada.

Às minhas cunhadas, Rosimere, Camila, Juliana e Adriana – mulheres/mães incríveis -, minha admiração, amor e gratidão.

Aos meus sobrinhos, que são cor em minha vida: obrigada.

Agradeço à professora Susan, por ter me apresentado - de forma mais aprofundada - a Literatura Africana, e pela orientação neste trabalho tão importante para o meu crescimento pessoal e intelectual.

À escritora Buchi Emecheta, por sua voz potente que ecoa em mulheres/mães em todos os cantos e que modificou de forma intensa minha visão de mundo.

Finalmente, agradeço às mulheres/mães que têm na maternidade sua forma de resistência e que, num laço invisível, se unem e dão suporte a todas as outras mulheres, nos tornando mais fortes e menos solitárias.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar, a partir de excertos do romance *As alegrias da maternidade* (2018) de Buchi Emecheta e algumas teorias – africanas e ocidentais – a maternidade compulsória e a solidão como consequência, representadas na trajetória da protagonista Nnu Ego, e sua busca pela completude através da maternidade, a qual é supervalorizada na sociedade Igbo, em África, onde ela nasceu. A pesquisa identifica quais os recortes em que a personagem está inserida, como raça, gênero e classe, e de que forma eles potencializam suas infelicidades nessa busca pela realização materna. As contribuições teóricas as quais visam elucidar a forma com que o condicionamento à maternidade se dá e como ele resulta no apagamento das vontades e da subjetividade da mulher que é mãe e na solidão materna são compostas por Antonio Cândido, Simone de Beauvoir e Elizabeth Badinter, Laretta Ngcobo, Ifi Amadiume, Remi Akujobi, Sunday Adetunji Bamisile. Marie Umeh, Oyèrónké Oyèwùmí e Cheikh Anta Diop, entre outros autores

**Palavras-chave:** Maternidade compulsória. Maternidade em África. Cultura Igbo. Solidão materna. Buchi Emecheta



## ABSTRACT

This course conclusion work aims to analyze, based on excerpts from the novel *The Joys of Motherhood* (2018) by Buchi Emecheta and some theories - African and Western - compulsory motherhood and loneliness as a consequence, represented in the trajectory of the protagonist Nnu Ego, and her quest for wholeness through motherhood, which is overrated in the Igbo society in Africa where she was born. The research identifies which cuts the character is inserted in, such as race, gender and class, and how they potentiate their unhappiness in this search for maternal fulfillment. The theoretical contributions which aim to elucidate the way in which the conditioning to motherhood takes place and how it results in the erasure of the wills and subjectivity of the woman who is a mother and in maternal loneliness are composed by Antônio Cândido, Simone de Beauvoir and Elizabeth Badinter, Laretta Ngcobo, Ifi Amadiume, Remi Akujobi, Sunday Adetunji Bamisile, Marie Umeh, Oyèrónkẹ Oyěwùmí and Cheikh Anta Diop, among other authors

Keywords: Compulsory motherhood. Motherhood in Africa. Igbo culture. Maternal loneliness. Buchi Emecheta

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 BUCHI EMECHETA E A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA	12
2.1 A maternidade compulsória	13
2.2 As tristezas da maternidade	16
3 OUTRA MULHER, UM OUTRO DESTINO	19
3.1 O impacto da colonização e do capitalismo na vida das mulheres	21
3.2 A solidão materna	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	27

## 1 INTRODUÇÃO

O objeto de análise deste trabalho de conclusão de curso é o romance *As alegrias da maternidade* (2018) - título irônico - de Buchi Emecheta (1944-2017), em que é possível observar aspectos da maternidade na cultura Igbo<sup>1</sup>, na qual o matricentrismo é um fator social importante e ser mãe é a principal função social da mulher. Sobre isso, com base nos estudos de Ifi Amadiume, Camille Johan Scholl explica que:

Em Amadiume o conceito de matriarcado e sua definição se relaciona com o estudo do parentesco, assim, a posição da mulher na sociedade se define pelo seu papel de mãe e seu poder emana das tarefas que sustentam materialmente a unidade familiar, ou seja, a unidade matricêntrica. E, esta unidade matricêntrica que se define dentro do âmbito doméstico se projeta na comunidade através das organizações de mulheres, que segundo a autora, são básicas e atravessam a história nas sociedades do continente africano. (2019, p. 185)

Além disso, pode-se identificar que as influências da cultura patriarcal que supervaloriza a maternidade, aliadas à pobreza, são elementos que impactam fortemente a realidade da personagem Nnu Ego, protagonista da obra, potencializando o seu sofrimento em sua busca por aceitação e completude por meio da maternidade. A escolha de *Alegrias da Maternidade* (2018), de Buchi Emecheta, como objeto de análise deste projeto se dá a partir da necessidade de explorar a literatura africana na perspectiva de uma autora/mulher africana que utilizou suas obras como meio de denunciar e expor questões sociais importantes, como os impactos e consequências da maternidade compulsória.

A partir de ‘vozes’ e personagens femininas africanas, Emecheta escreve por uma ótica que desconstrói o estereótipo de mulher africana exclusivamente forte e resiliente, e a coloca em um lugar em que é possível se mostrar frágil diante dos sofrimentos que se apresentam. Como defendem Rodrigues Oliveira:

As literaturas ditas de resistência, assim, são uma conclamação – quase inevitável – para revelar as marcas da memória de corpos (anteriormente) excluídos e de vozes que durante muito tempo foram silenciadas. Um chamado urgente que se materializa na voz e escrita de autoria feminina, principalmente de negras. (2021, p.411)

Por meio da exposição de excertos da obra de Emecheta, se pretende apresentar a realidade de algumas mulheres em África refletida na realidade de Nnu Ego, as quais veem na maternidade a única possibilidade de encontrar a realização pessoal plena e se sentirem completas e aceitas socialmente. Além dessa imposição social, há a pobreza extrema e a solidão materna, questões sociais que afetam mulheres em todos os continentes. Sendo assim, analisar

---

<sup>1</sup> Os Ibos ou Igbo são um dos maiores grupos étnicos africanos, habitam o leste, sul e sudeste da Nigéria, Camarões e Guiné Equatorial e falam a língua ibo.

a trajetória da protagonista do romance, Nnu Ego, nos permite “sair da bolha” ocidental e enxergar, por um novo ângulo, a trajetória de uma mulher que é mãe em África, especificamente na Nigéria, considerando todo o contexto no qual ela está inserida.

A partir da narrativa, há a possibilidade de reconhecer as estruturas que cercam a existência de Nnu Ego muito antes de seu nascimento até a sua morte, seja na cultura Igbo ou em uma colônia britânica na Nigéria. À luz da obra de Emecheta é possível, portanto, ampliar as discussões acadêmicas acerca da maternidade para além da perspectiva ocidental, tendo a literatura africana como importante instrumento de denúncia e debate dessa e de outras demandas sociais importantes, que se arrastam ao longo das décadas, a partir da visão de mundo e da voz de uma mulher negra e africana.

Buchi Emecheta (1944-2017) foi uma escritora nigeriana que vivenciou o machismo e a maternidade solitária e, a partir de sua literatura, retratou e denunciou a realidade de muitas mulheres africanas, as quais, assim como a autora, atravessaram questões de gênero e raça que resultaram, muitas vezes, em seu apagamento e sofrimento. Na obra de Emecheta, a protagonista Nnu Ego tem sua busca pela felicidade condicionada à maternidade, papel importante a ser exercido tanto em sociedades patriarcais quanto nas sociedades matriarcais existentes em África, no entanto, essa busca é frustrada e cheia de sofrimentos.

Conforme Oyèrónkè Oyěwùmí, em seu estudo *A invenção das mulheres* (2021), em algumas sociedades africanas<sup>2</sup>, o direito de ser mãe prevalecia em relação a todas as outras preocupações de um casamento: “Se um casamento não se tornar fecundo nos primeiros anos, uma fêmea pode ficar preocupada e partir.” (p. 98) Da gravidez até o desmame da criança (em torno de dois ou três anos), a mãe deveria praticar abstinência sexual, pois se acreditava que a atividade sexual colocaria em risco a vida da criança. (Enquanto isso, o pai poderia ter relações com outras parceiras conjugais.)

Ifi Amadiume<sup>3</sup>, - em sua obra *Reinventando a África/Reinventing Africa* (1997)<sup>4</sup>, fazendo um contraponto à visão de Cheikh Anta Diop (1923-1986)<sup>5</sup> - segundo o qual, resumidamente, matriarcado e patriarcado são dois sistemas irreduzíveis e orgânicos - defende que ambos os sistemas coexistem em algumas sociedades africanas, e assegura que a “unidade

---

<sup>2</sup> O livro da nigeriana Oyeronke Oyewumi oferece uma nova perspectiva acerca do papel social da mulher, a partir de uma visão africana, com foco na cultura Iorubá.

<sup>3</sup> Ensaísta, antropóloga e poeta nigeriana.

<sup>4</sup> *apud* Camille Johann Scholl, “Matriarcado em África: uma análise sobre o pensamento de Cheikh Anta Diop e Ifi Amadiume”, *Bilros*, v. 6, n. 13 (2018), p. 181.

<sup>5</sup> A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica. (2015)

matricêntrica” é um fato social presente nessas sociedades. A partir de seus estudos, relatados na obra *Reinventing Africa: Matriarchy, religion and cultura/Reinventando a África: matriarcado, religião e cultura*<sup>6</sup>, sobre a cultura Igbo, especificamente a comunidade Nnobi, a autora apresenta a base organizacional econômica, social e cultural que rege essa sociedade. Nessa ideologia, há os sistemas *mkpuke, obi*, os quais formam o *ummume e o umunna*, conforme Scholl sintetiza:

O primeiro representa uma "unidade matricêntrica", ao qual o foco das relações gira em torno da mulher-mãe e o segundo representa a casa ancestral focada no homem. A autora defende que a estrutura de relação entre estes dois sistemas ou estruturas de gênero são refletidas em âmbitos mais amplos, como a organização social e a política. Junto a isso, a autora também argumenta que a convivência entre estes dois sistemas forma diferentes conjuntos de valores que coexistem: o *ummume*, ligado diretamente à prática da "maternidade compartilhada" que expressa valores de compaixão/amor/paz em contraste com o *umunna*, valores da paternidade, que se expressam pela competitividade/valor/força/violência. (2019, p. 183)

Amadiume defende que a unidade matricêntrica trata-se de uma “maternidade compartilhada”, que se dá a partir do fato de que a maternidade não é um desejo particular da mulher, mas uma espécie de condicionamento, ou desejo de toda a comunidade em que ela vive.<sup>7</sup> A partir dessa perspectiva, entendendo a importância da maternidade em sociedades matricêntricas e com a análise do romance de Emecheta e da trajetória de Nnu Ego, é possível identificar uma imposição à maternidade - especialmente na cultura Igbo e na colônia britânica Lagos -, a qual submete as mulheres a realidades com poucas escolhas, em que elas são descartadas depois de cumpridas (ou não) suas funções sociais, que se limitam, basicamente, a servir ao marido e aos filhos. Para Umeh:

Os códigos sexuais pelos quais as vidas das mulheres Igbo são governadas estão listados em ordem de importância: a glória de uma mulher é um homem; uma mulher sem um filho homem é uma fracassada; o casamento serve para produzir herdeiros homens para dar continuidade à linhagem paterna; e uma mulher completa é uma mãe de filhos homens saudáveis (apud FARIAS; PINHEIRO, 2021, p. 410)

Para melhor entendimento acerca das críticas perceptíveis no romance de Emecheta, é importante ressaltar que a escritora viveu quatro décadas no ocidente, no Reino Unido, e sua visão de mundo, gênero, maternidade e outras questões pode ser percebida como uma visão híbrida, traço que definiria sua escrita “pós-colonial”, em que a autora retrata mulheres como

<sup>6</sup> Obra reeditada nos Estados Unidos em 2001. (apud Camille Johann Scholl, “Matriarcado em África: uma análise sobre o pensamento de Cheikh Anta Diop e Ifi Amadiume”, *Bilros*, v. 6, n. 13 (2018), p. 182.)

<sup>7</sup> apud Camille Johann Scholl, “Matriarcado em África: uma análise sobre o pensamento de Cheikh Anta Diop e Ifi Amadiume”, *Bilros*, v. 6, n. 13 (2018), pp. 174-189.

vítimas de um modo de viver machista e patriarcal, a partir de sua visão eurocentrada de mundo. Tal fato é sintetizado por Sunday Bamisile, ao expor a perspectiva de Kolawole:

Emecheta permite-nos, assim, através desta sua obra, alcançar uma maior proximidade com os dramas de vida das personagens nigerianas, em contextos rurais como também em vivências urbanas, onde se centra a trama do romance em estudo, para advogar que a emancipação da mulher se pode fazer tanto nas sociedades rurais mais tradicionais, como na modernidade cidadina. E é neste último contexto que, por vezes, Emecheta é acusada de ser uma feminista ambivalente pela conflitualidade resultante de uma vivência em que confluem valores tradicionais que minorizam a mulher, bem como a experiência de vida de uma mulher africana, em grande parte vivida no ocidente, onde é maior a percepção do que são os valores atávicos da sociedade patriarcal. (apud BAMISILE, 2012, p. 283)

Deste modo, o romance de Emecheta pode, ainda, ser visto como instrumento de denúncia do machismo e do abandono e sobrecarga da mulher que é mãe, sobretudo em sociedades coloniais ou pós-coloniais e uma crítica à maternidade como imposição social, sem a romantização do matricentrismo e da maternidade como prioridade na vida das mulheres. A obra tem a Nigéria como espaço em que a história da protagonista Nnu Ego acontece<sup>8</sup> e se trata de uma narrativa que - entre tantas que têm os homens como centro - coloca a mulher africana como protagonista, cuja voz e realidade se sobrepõem a todo o resto.

Sobre uma visão feminista em relação à Emecheta, Bamisile (2012) expõe:

Numa entrevista dada em Londres a Denish Kirsten Holst-Petersen, Buchi Emecheta afirma abertamente e sem rodeios o seguinte: “É tão simples como isto. Eu não aceito ser chamada feminista porque isso é um termo europeu e fico ressentida quando se referem a mim usando essa expressão. Por outro lado, se tiverem em atenção aquilo que eu faço, isso é o mesmo que as feministas fazem; a questão é que feminismo vem da Europa ou de mulheres da Europa e eu não gosto de ser definida por outras. Mas em quase tudo, exceto talvez em aspectos da organização familiar, os meus livros tratam das mesmas questões que elas. A questão é que se trata de algo que vem de fora e não gosto que ninguém me imponha o que eu devo ser. (Emecheta in Granqvist, Raoul; John Stotesbury: 1989, p.19 *apud* BAMISILE, 2012, p. 150)

Sendo assim, neste trabalho, se pretende identificar como Emecheta ironiza e denuncia em sua obra a maternidade compulsória, a qual provoca a anulação da subjetividade da mulher que tem filhos e que vai deixando pedaços de si pelo caminho, sem que tenha, ao final, a tão sonhada recompensa – que viria através dos filhos, que deveriam dar a ela a paz e os cuidados merecidos depois de tantos esforços e da anulação de si mesma. A partir da exposição de excertos da obra *As alegrias da maternidade (2018)*, de Buchi Emecheta, escrita em 1979, se pretende mostrar a realidade da mulher na Nigéria, em África, com foco, especialmente, na realidade da protagonista Nnu Ego, que tem sua existência condicionada à aprovação social por meio da maternidade.

---

<sup>8</sup> Em Lagos, na época colônia britânica e em Ibuza, terra natal de Nnu Ego, comunidade Igbo.

Para embasar tal análise acerca da maternidade compulsória e da solidão materna que permeia a realidade de Nnu Ego, recorreremos a escritores - alguns de teoria feminista - ocidentais e africanos. Entre alguns autores ocidentais, a princípio, estão Antonio Candido, Simone de Beauvoir e Elizabeth Badinter. Entre autores de África, inicialmente, estão Laretta Ngcobo, Ifi Amadiume, Remi Akujobi, Sunday Adetunji Bamisile, Marie Umeh, Oyèrónké Oyěwùmí e Cheikh Anta Diop.

A partir de tal enfoque, este trabalho se estrutura de tal maneira: após esta introdução - na qual estão presentes teorias que dão conta de elucidar o matricentrismo e a raiz da maternidade compulsória em algumas culturas e sociedades africanas -, há a seção dois, com a exposição das principais bases teóricas desta análise, em que se recorreu a autores ocidentais e africanos. Ainda dentro desta seção, há a explanação acerca da visão de literatura como instrumento de denúncia e da trajetória da autora Buchi Emecheta, cuja literatura deu voz às mulheres africanas.

Ainda na mesma seção, há um enfoque na maternidade compulsória, um dos tópicos centrais deste trabalho, e que tem como embasamento as teorias de Simone de Beauvoir, Laretta Ncobo e Elisabeth Badinter. Também há um resumo da obra *As alegrias da maternidade*, objeto principal de análise deste trabalho, com exposição de teorias de autores diversos e excertos da obra de Emecheta.

Há, em seguida, um panorama sobre o perfil de outra mulher/mãe presente na obra, a Odaku, segunda esposa do marido de Nnu Ego, na intenção de fazer um contraponto entre as realidades destas e a realidade de Nnu Ego, a protagonista do romance. Somada a isso, há a explanação acerca das influências da colonização e do capitalismo, além da discussão acerca da solidão materna, consequência das imposições sociais relacionadas à maternidade, entre outros fatores. Finalmente, na seção 3, há as considerações finais.

## **2 BUCHI EMECHETA E A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA**

A romancista Florence Onyebuchi Emecheta nasceu na Nigéria, nas proximidades de Lagos, em uma família de origem étnica Igbo. Emecheta ficou noiva aos onze anos e casou-se aos dezesseis. Nesse casamento, um relacionamento extremamente abusivo, a escritora teve cinco filhos. Após o divórcio, aos vinte e dois anos, seguiu criando os filhos sozinha, já que o ex-marido recusou a paternidade. Mais tarde, teve que lidar com o fato de uma de suas filhas ir morar com o pai, apesar de todo o esforço de Emecheta para criá-la na ausência paterna.

Nas obras de Buchi Emecheta, é possível perceber a representação de mulheres africanas, como ela, condicionadas à maternidade. No romance *As alegrias da maternidade* (2018), objeto de estudo deste projeto, a trajetória da protagonista Nnu Ego, nascida também em uma família Igbo, expõe a realidade de muitas mulheres nigerianas, as quais têm suas funções sociais limitadas às vontades dos homens e vivem para servi-los em detrimento de seus próprios desejos. De acordo com Bamisile: “Emecheta observa como a sexualidade e a capacidade para procriar crianças podem, às vezes, ser o único meio de definir a feminilidade e o feminismo, em África e na diáspora”. (2012, p. 148)

Na cultura em que Nnu Ego nasceu, a função social da mulher é a maternidade. Sendo assim, as mulheres que não alcançam esse padrão social se veem frustradas e rejeitadas por seus maridos. O romance de Emecheta serve, então, como instrumento de denúncia social, por meio da perspectiva de uma mulher africana, que viveu, de fato, sob as pressões sociais que limitam as mulheres à servidão e aos cuidados da casa e da família. Como defendia Antônio Cândido:

[...] o autor se utiliza da obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas [...] se a obra é fruto da iniciativa individual ou de condições sociais, quando na verdade ela surge na confluência de ambas, indissoluvelmente ligadas. (2006, p. 35)

Dessa forma, indo de encontro ao cânone africano, em que o centro das narrativas era, majoritariamente, o homem, em literaturas escritas por homens, Buchi Emecheta foi uma das precursoras de uma literatura com voz potente feminina, que realmente – e finalmente - colocou a mulher africana como centro de sua história.

## 2.1 A maternidade compulsória

Compulsório<sup>9</sup> é um termo que define aquilo que é obrigatório e compele a fazer algo. Tal termo é comumente utilizado em algumas análises feministas sobre maternidade, a qual é apresentada em tais estudos como uma condição imposta às mulheres. Tanto em uma sociedade patriarcal quanto em uma sociedade matriarcal, a mulher é condicionada a certos comportamentos para que seja socialmente aceita, e a maternidade está entre algumas dessas imposições.

Em diferentes culturas, ocidentais ou não, explicitamente ou não, a mulher só é completa quando tem filhos. Nesse sentido, Akujobi, com base na perspectiva de Lauretta Ngcobo, aponta que:

[...] de modo geral, os africanos consideram a maternidade totalmente relacionada aos filhos, como ela [Ngcobo] diz: “toda mulher é encorajada a

---

<sup>9</sup> Conforme o dicionário *online Michaelis* (2022)



se casar e ter filhos, a fim de expressar sua feminilidade ao máximo. A base do casamento entre africanos implica a transferência da fertilidade da mulher para o grupo familiar do marido.” A maternidade é tão crítica na maioria das sociedades tradicionais da África que não há pior infortúnio para uma mulher do que não ter filhos. Uma mulher infértil é vista como incompleta, ela é o que Mbiti chama de “beco sem saída da vida humana, não só pelo nível genealógico, mas também por ela mesma” (AKUJOBI apud GARCIA; FERREIRA, 2019, p. 228 e 229)

Ademais, consoante à Simone de Beauvoir:

É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação ‘natural’, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie. Mas já se disse que a sociedade humana nunca é abandonada à natureza. E, particularmente, há um século, mais ou menos, a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade. (2016, vol. 2, p. 279)

No entanto, em culturas patriarcais, essa “vontade” não pertence às mulheres, mas aos homens, os quais ditam como elas devem pensar ou se comportar. Para Beauvoir “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.” (BEAUVOIR, 2016, p. 12)

Dessa forma, a maternidade não é, de fato, inerente à mulher, mas uma imposição social. Conforme Badinter (1985), o amor materno é uma construção social, que pode variar ou mudar de acordo com a época e os costumes. Assim sendo, em uma sociedade fortemente comandada por homens, quem define o quanto a mulher deve se anular em função desse amor são eles. Com o respaldo da religião, diferentes culturas sacralizam a maternidade, o que faz com que, mesmo inconscientemente, algumas mulheres acreditem que necessitam ser mães para atingir uma satisfação pessoal ou se sintam frustradas quando não têm filhos.

Apesar dos avanços nas discussões acerca da maternidade compulsória, das pautas feministas que questionam essa imposição, do crescimento no número de mulheres que se negam a assumir o papel de mães, para Germaine Greer (1987), a dignidade feminina segue ligada à maternidade. Assim sendo, mulheres que renunciam à maternidade seguem sendo criticadas por não contribuírem com o desenvolvimento social. (GREER, 1987).

Além disso, conforme Botelho (2017), a maternidade é

[...] pautada inúmeras vezes, nas mais diversas idades e classes sociais. A construção social feminina inclui, entre diversos predicados, a probabilidade da gravidez e da maternidade. Desde brincar com bonecas até ouvir indagações como “quando vai chegar meu netinho?”, mulheres crescem convivendo com a ideia de matinar, às vezes sem sequer refletir se é isso mesmo que querem. Muitas mulheres têm filhos porque é a “ordem natural das coisas”, como é costumeiro ouvir, mas nem mesmo cogitaram a possibilidade de uma vida sem eles. Com movimentos sociais de mulheres, esse cenário recentemente ganhou o nome de “maternidade compulsória”: compulsória pois, nesta visão, ser mãe seria como algo obrigatório, forçado pela sociedade, e não necessariamente a vontade genuína da mulher.

Assim sendo, a escolha de ser mãe pode ser questionável, já que não há brechas na criação das meninas para que elas percebam que há felicidade e realização fora da maternidade, quando até suas memórias afetivas remetem a ela. Para Allegretti (2019), todo esse contexto impele as mulheres a acreditarem na maternidade como caminho único:

[...] impondo a maternidade como natural a todas, como se isso lhes fosse instintivo, fazendo com que haja uma espécie de regra, em que a opção “não ser mãe” torna-se inexistente e, conseqüentemente, sendo uma obrigação a todas as mulheres. Isso faz com que aquelas que optam por não terem filhos sejam vistas como transgressoras da regra, a elas sendo imposta culpa e desvalidação das próprias escolhas. (ALLEGRETTI, 2019, p. 2).

A partir de tais perspectivas, entende-se que a maternidade confere à mulher a sensação de realização pessoal e validação social. A socialização da mulher, aos “olhos” do patriarcado, é marcada pelo maternalismo, em que meninas – fêmeas – crescem brincando “de ser mamãe”, enquanto meninos – machos – brincam com “carrinhos” ou outras brincadeiras sem relação direta com o espaço “doméstico”. Na obra de Emecheta, essa internalização de uma cultura que condiciona a mulher à maternidade e ao cuidado do outro pode ser identificada em citações no início do capítulo *A vida da mãe no começo*: “meus filhos, quando vocês crescerem, serão todos reis entre os homens” e “minhas filhas, quando vocês crescerem, todas embalarão os filhos de seus filhos” (EMECHETA, 2018, p. 43).

Além de tudo, há a maternidade “como presente”. O “presente” que é dar um neto, um filho ou um sobrinho a alguém, em que a mulher tem, mais uma vez, a vontade de ser mãe condicionada à realização dos “outros”, que podem ser os avós do futuro filho ou o marido. Raramente é sobre a “vontade” orgânica da mulher/mãe, mesmo que pareça ser, mas, sim, sobre a realização de terceiros. A visão de maternidade é repleta de idealizações e romantizações, e muitas mulheres se sentem obrigadas a corresponder a esse modelo ideal de vida. Para Badinter (1985, p. 18), “semelhante à terra que precisa ser semeada, seu único mérito é ser um bom ventre”. Logo, enquanto a maternidade for compulsória, não será possível precisar o que tem realmente de “natural” no desejo de ser mãe.

Akujobi defende que “a maternidade na África é vista como um papel doado por Deus e, por esta razão, é sagrada”. (2011, p. 3). Ainda de acordo com Akujobi:

Não é mais segredo que a mulher nigeriana se considera uma mulher de verdade somente quando se mostra fértil e a “auréola da maternidade” brilha sobre ela. Isso vale para a maioria das mulheres na África onde o índice de maternidade é usado para definir mulheres “reais” (AKUJOBI, 2011, p. 4-5)

Tais arquétipos ajudam na manutenção da busca das mulheres nigerianas pela maternidade e validação de toda uma sociedade, além disso, há a busca pela realização plena, a

qual só pode ser alcançada quando se mostra fértil e consegue ter filhos, especialmente se os filhos forem homens. Considerando que maternidade e “instinto materno” são construções ideológicas, ancoradas em tradições sociais, entende-se que mulheres são influenciadas pela maternidade compulsória.

As mulheres que se recusam a seguir esse caminho, tanto em sociedades patriarcais, como em sociedades em que há o matricentrismo, são estigmatizadas e excluídas dos grupos aos quais pertencem. Dessa forma, tem-se mulheres/mães frustradas, insatisfeitas com a própria realidade, que não se sentem felizes sendo mães ou que se sentem incompletas não sendo, mesmo quando não ter filhos é uma escolha consciente.

## 2.2 As tristezas da maternidade

A narrativa de Emecheta tem início em Lagos, então colônia britânica da Nigéria, em 1934, com a protagonista Nnu Ego correndo, desesperada, rumo à tentativa de suicídio. Tal situação ocorreu após o primeiro filho – homem – de Nnu Ego morrer com quatro semanas de vida. Após esse início dramático, o qual já nos dá a dimensão da importância da maternidade na vida da protagonista, a história volta vinte e cinco anos no tempo, para contar as origens de Nnu Ego.

A personagem nasceu em Ibuza, uma área rural na Nigéria, em que o povo Igbo residia. Ela foi fruto da relação entre um chefe Igbo, Agbadi, e de sua amante Ona, filha de outro líder tribal, o qual só teve filhas mulheres e, por isso, não permitiu que Ona casasse para que não tivesse que se submeter a outro homem além dele, conforme é possível observar em uma passagem do livro: “O pai, apesar das diversas esposas, tinha poucos filhos e, na verdade, nenhum filho homem vivo, mas Ona cresceu para corresponder às expectativas do pai.” (EMECHETA, 2018, p. 19)

Nesse núcleo, é possível perceber como o destino das mulheres já estava limitado às escolhas dos homens de sua vida, fosse marido ou pai. Bamisile afirma que “Entre os Ibos, espera-se que as mulheres se casem, detendo o matrimônio um papel predominante sobre qualquer outra atividade humana.” (2012, p. 275). Desse modo, a mulher é sempre uma extensão do homem e de suas vontades, uma vez que “a mulher não tem autonomia fora de uma relação para com alguém do sexo masculino, seja ele pai, marido ou irmão, isto é, a situação de dependência da mulher persiste numa sociedade tradicional de cariz patriarcal...” (BAMISILE, 2012, p. 283)

Apesar disso, diferente da vida que Nnu Ego levaria em Lagos ao se casar pela segunda vez, na tribo<sup>10</sup> Igbo ela era cercada de cuidados, do amor de seu pai. Apesar disso, a cultura de seu povo ainda supervalorizava a maternidade, especialmente de filhos homens. Sendo assim, uma mulher só teria valor se tivesse filhos, principalmente um menino. De acordo com Amadiume (1987), sobre a cultura Igbo, ao atingir idade adulta, a forma de tratamento dado a uma menina muda: quando criança, os adultos costumam perguntar de quem a menina é filha, ao crescer passam a perguntar quem é seu marido. Dessa forma, fica claro que a menina/mulher é sempre uma extensão dos homens de sua vida.

Após ser dada em casamento pela primeira vez, para Amatoku, Nnu Ego não conseguiu comprovar sua fertilidade - para isso, ela deveria engravidar logo após o casamento -, e, por causa desse ‘fracasso’, ela vê seu marido buscar a segunda esposa – em algumas culturas africanas, inclusive na Igbo, os homens podem ter várias esposas -, a qual engravida logo em seguida, fazendo com que Nnu Ego se sinta ainda mais frustrada e infeliz diante da possibilidade de ser infértil.

Diante dessa possibilidade, Nnu Ego foi desprezada e hostilizada por seu marido Amatokwu, já que a mulher que não pode ter filhos não merece ser digna da atenção de seu marido, o que é perceptível em tal excerto:

[...] sou um homem ocupado. Não tenho tempo para desperdiçar minha preciosa semente masculina com uma mulher estéril. Tenho de criar filhos para a minha linhagem. Se você realmente quer saber, já não me atraí. É seca e arisca. (EMECHETA, 2018, p. 47)

Por se sentir tão desprezada e deixada de lado, Nnu Ego se sentira forçada a voltar à casa do pai. Tempos depois, o pai de Nnu Ego decide ‘dá-la’ em casamento para Nnaife Owulum, um homem de Ibuza que vive em Lagos e trabalha para pessoas brancas e inglesas. Apesar da decepção diante da aparência do marido, Nnu Ego decidiu ficar com ele, a fim de alcançar seu objetivo mais importante: se tornar-se uma mulher completa. Dirigindo-se à sua Chi<sup>11</sup>, pediu que seu sonho se realizasse: “Se isso acontecer, vou respeitar esse homem, serei sua esposa fiel e aceitarei seus modos grosseiros e sua aparência desagradável.” (EMECHETA, 2018, p. 65)

Adaptada à nova realidade, mas não completamente conformada, Nnu Ego alcança seu grande objetivo: tem seu primeiro filho, um menino, e finalmente se sente completa como mulher: “[...] só agora, com esse filho, vou começar a amar aquele homem. Ele me transformou numa mulher de verdade – em tudo o que eu quero ser: mulher e mãe. Então, já não tenho

<sup>10</sup> Termo utilizado por Buchi Emecheta para se referir à área rural Igbo, onde Nnu Ego nasceu.

<sup>11</sup> Guia espiritual na tradição Igbo.

motivos para odiá-lo.” (EMECHETA, 2018, p. 75) O futuro de Nnu Ego estaria, finalmente, garantido e seguro, já que havia parido um menino: “Agora estava segura, enquanto dava banho no menino e preparava a refeição do marido, de que teria uma velhice feliz, de que quando morresse deixaria alguém atrás de si que se referiria a ela como mãe.” (EMECHETA, 2018, p. 77)

Apesar disso, quatro semanas após o nascimento do bebê, Nnu Ego encontra o seu bebê morto, o que lhe causa sofrimento extremo a ponto de pensar em dar fim a sua vida. Ao ser impedida de cometer o suicídio por moradores de Lagos e ser repreendida por isso, ela conta às pessoas que havia deixado de ser mulher, pois havia perdido seu primeiro filho: “Não sou mais uma mulher, não sou mais uma mãe. O bebê está lá na esteira, morto.” (EMECHETA, 2018, p. 88) Assim, todos consideram aquele ato justificável. Naquela cultura, uma mulher fracassa ao não conseguir manter seus filhos vivos, por isso, querer morrer é algo aceitável diante de tal infortúnio: “E todos concordaram que a mulher que não dá um filho ao marido é uma mulher fracassada.” (EMECHETA, 2018, p. 89)

Tendo a Segunda Guerra Mundial como plano de fundo da narrativa, e o alistamento forçado do marido de Nnu Ego, a autora expõe as misérias às quais Nnu Ego, mulher pobre, é submetida em uma região dominada por colonizadores, em que a servidão, o esforço extremo, o trabalho extenuante e o desamparo são condições intrínsecas à sua realidade. Nesse ponto da obra, é possível observar as diferenças entre a maternidade na tribo Igbo e em uma área urbana, em que, nesta, a mulher não se limita a cuidar dos filhos e do lar, enquanto os homens trazem o sustento da família – como ocorre naquela -, mas, sim, precisam trabalhar para complementar a renda, em um contexto em que os nativos africanos e pessoas não brancas são extremamente desvalorizadas e vivem à margem da sociedade.

Nesse período em Lagos, Nnu Ego teve, ao total, oito filhos, e teve que se desdobrar para dar, ao menos aos meninos, uma educação, visando que, futuramente, eles a recompensassem por toda a penúria que atravessou para criá-los. Às meninas era reservada a ‘missão’ de casar e receber um bom dote que serviria para investir na educação e no progresso de seus irmãos homens, como é possível observar neste trecho: “Vivemos num mundo de homens. Mesmo assim, esposa mais velha, quando estas meninas crescerem vão ser de grande ajuda para cuidar dos meninos. E seus dotes de esposa também poderão ser usados para pagar a escola deles.” (EMECHETA, 2018, p. 182)

Como exemplo claro da falta de importância das meninas nessa sociedade, há o momento em que o filho homem de Adaku, segunda esposa de Nnaife Owulum morre e ela se lamenta pelo fato de ter sido um menino e não uma de suas meninas a morrer: “Ah Deus, por

que você não levou uma das meninas e não me deixou com meu bebê homem? Meu único filho homem.” (EMECHETA, 2018, p. 183) Após enfrentar tais sofrimentos em busca de uma identidade completa, a mulher que tem filhos e se doa integralmente a eles e por eles, Nnu Ego se viu envelhecer precocemente, distante de seus filhos, pois alguns mudaram de país e raramente enviavam notícias diretamente a ela:

No entanto, o que definitivamente a quebrou foi, mês após mês, esperar por notícias do filho que vivia nos Estados Unidos, e também de Adim, que mais tarde foi para o Canadá, e não receber nenhuma. Foi graças a alguns comentários que ficou sabendo que Oshia se casara e que sua noiva era uma mulher branca. (EMECHETA, 2018, p. 313)

Sozinha, frustrada e sem amigos, já que não teve tempo de se dedicar a si mesma e às amizades verdadeiras, Nnu Ego se viu triste pela forma como os filhos a tratavam e com as críticas da família de seu marido que, apesar de todos os seus esforços pela maternidade, achavam que ela não havia cumprido sua missão de forma eficiente. Sua vida, então, perdera o sentido e a maternidade não lhe trouxera as alegrias que buscava. Morreu sozinha, à beira de uma estrada, cansada da própria existência: “Morreu ali, discretamente, sem nenhum filho para segurar sua mão e nenhum amigo para conversar com ela.” (EMECHETA, 2018, p. 314) Ironicamente, seus filhos se reuniram para seu sepultamento, que foi grandioso, e Nnu Ego teve na morte o que buscou em vida e não conseguiu: a atenção deles.

Os filhos da protagonista ergueram um jazigo para que as mulheres que quisessem orar por fertilidade pudessem recorrer à Nnu Ego, mas acreditava-se que ela era “má até na morte” e se recusava a conceder tais desejos. Apesar de tudo, muitos acreditavam que sua maternidade havia sido feliz e, por isso, não entendiam por que ela não atendia às preces dos que lhe pediam filhos: “A alegria de ser mãe era a alegria de dar tudo aos filhos, diziam” (EMECHETA, 2018, p. 314) Muito tarde Nnu Ego percebeu que ser mãe não lhe traria recompensas, e morreu buscando, em vão, as alegrias da maternidade.

### **3 OUTRA MULHER, UM OUTRO DESTINO**

Em *As alegrias da maternidade* (2018), há também a personagem Adaku, segunda esposa do marido de Nnu Ego. Adaku também é Igbo, foi criada em uma cultura que supervaloriza a maternidade e limita a mulher a poucas escolhas, no entanto, se recusou a seguir esse estilo imposto de vida e buscou um rumo diferente para sua história.

A personagem foi “herdada” por seu cunhado Naife após a morte do seu irmão mais velho, como “manda” a tradição Igbo, e se recusou a seguir o caminho de Nnu Ego: tornou-se

“prostituta”, a fim de proporcionar às suas filhas uma educação de qualidade. Adaku não teve filhos homens e, por isso, não era valorizada dentro de sua cultura. Em certo trecho do livro, ela conta para Nnu Ego sua decisão e completa: “Não estou disposta a ficar aqui e deixar que me enlouqueçam só porque não tenho filhos homens” (EMECHETA, 2018, p. 238). Acerca desse tema, Badinter defende que:

Uma segunda atitude, própria do pai e da mãe igualmente, não pode deixar de surpreender o leitor do século XX, ou seja, a incrível desigualdade de tratamento entre os filhos, segundo o sexo e o lugar que ocupam na família. [...] Não, realmente a filha não é um bom negócio para os pais, e nenhuma cumplicidade parece aproximá-la da mãe. Esta guarda seus tesouros de ternura e de orgulho para o primogênito, herdeiro exclusivo do patrimônio e do título quando os pais são nobres. O herdeiro gozou, em todas as camadas da sociedade, de um tratamento familiar nitidamente privilegiado. Bastava que os pais tivessem alguns bens a deixar, modestos acres de terra ou a coroa de França, para que esse filho mais velho fosse objeto de uma solicitude exemplar (BADINTER, 1985, p. 62)

Na narrativa, Adaku representa mulheres que se opuseram a décadas de opressões patriarcais e decidiram escrever o próprio destino, questionando os papéis limitantes reservados às mulheres e buscando uma nova história para si e suas filhas. É um contraponto às atitudes de Nnu Ego, a qual se questiona em alguns momentos acerca do seu papel como mulher no mundo - apesar de não ter conseguido alterar sua realidade -, como é perceptível no excerto a seguir:

Os homens nos fazem acreditar que precisamos desejar filhos ou morrer. Foi por isso que quando perdi meu primeiro filho eu quis a morte, porque não fora capaz de corresponder ao modelo esperado de mim pelos homens da minha vida, meu pai e meu marido, e agora tenho que incluir também meus filhos. Mas quem foi que escreveu a lei que nos proíbe de investir nossas esperanças em nossas filhas? Nós, mulheres, corroboramos essa lei mais que ninguém. Enquanto não mudarmos isso, este mundo continuará sendo um mundo de homens, mundo esse que as mulheres sempre ajudarão a construir. (EMECHETA, 2018, p. 263)

A partir da história de Adaku, é possível observar outra realidade de mulheres que vivem à margem em África: a objetificação de seus corpos como meio de subsistência e fuga das imposições patriarcais de maternidade compulsória e dependência financeira. Adaku, de forma subversiva, entendeu que era preferível se prostituir a negar às suas filhas o direito a uma educação de qualidade e a um futuro promissor, distante das opções limitantes as quais as mulheres tinham naquela época. Apesar de tudo, Adaku era mãe, e suas escolhas também foram atreladas à realização de suas filhas, mesmo que ela tenha escolhido uma forma de viver completamente diferente da realidade da protagonista Nnu Ego.

### 3.1 O impacto da colonização e do capitalismo na vida das mulheres

É importante frisar que as maternidades não são todas iguais. Não é possível definir a maternidade sem considerar os recortes nos quais a mulher/mãe está inserida. Portanto, há diferentes contextos que podem influenciar na vida da mulher/mãe, a exemplo da pobreza e da colonização presentes na obra de Emecheta.

Em determinado momento da obra, A Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) é plano de fundo, embora o conflito seja tratado no romance como algo superficial. Nesse momento, os ingleses começam a abandonar suas casas na Nigéria e a voltar para a Inglaterra. Por isso, a empregabilidade dos nigerianos da capital caiu, homens nigerianos precisaram se ausentar de forma prolongada para ser combatentes na guerra, como acontecera com Naife, marido de Nnu Ego, e coube unicamente às mulheres a jornada exaustiva de sustentar a família e cuidar da casa e dos filhos.

Tal contexto e a dominação do povo nigeriano pelos britânicos ficam claros no momento em que Ubani explica para Nhu Ego o que acontecera com Nnaife: “Não há nada que possamos fazer. Nós pertencemos ao povo britânico, assim como pertencemos a Deus, e, como Deus, eles podem se apropriar de qualquer um de nós quando tiverem vontade.” (EMECHETA, 2018, p. 209). A partir desses fatores, a pobreza e a solidão de Nnu Ego foram potencializadas: “Nos últimos tempos andava sempre doente, fosse com breves crises de malária, fosse com exaustão, que, bem sabia, decorriam da falta de alimentação”. (EMECHETA, 2018, p. 245).

Por ser analfabeta, Nnu Ego tinha poucas possibilidades de emprego, sendo impelida a usar o pouco dinheiro que tinha para comprar cigarros e fósforos clandestinos nos navios e vender em uma banca no mercado. Após a ida de Naife para a guerra, ela se viu obrigada a desempenhar outras funções, como carregar lenhas, e até mesmo vender suas próprias roupas. Como consequência da guerra, os alimentos se tornavam mais caros e escassos e o poder de compra dos habitantes de Lagos diminuía, como é possível verificar em tal passagem: “Por volta de 1941 todo mundo no país sabia que havia uma guerra acontecendo em algum lugar. [...] As mulheres que iam aos mercados perceberam que já não era possível comprar sal tão barato quanto antes” (EMECHETA, 2017, p. 181).

Em um contexto atual, não houve tantas mudanças. As mulheres/mães ainda, sob o peso da pobreza à qual o capitalismo as submete, se veem sobrecarregadas e adoecidas pela necessidade de “dar conta” do sustento do lar e da criação da prole. Em uma sociedade capitalista, ser mãe é um processo que cobra das mulheres sua reprodução – a fim de que “produzam” mão de obra - ao mesmo tempo em que limita suas formas de sobrevivência e precariza sua existência financeira.



No caso das mulheres que vivem em extrema pobreza, ainda há a falta de escolaridade, que resulta na desinformação e falta de planejamento familiar, além do acúmulo de funções em busca da subsistência. Dessa forma, é perceptível que o capitalismo potencializa a solidão materna das mulheres pobres, que vivem à margem da sociedade.

### 3.2 A solidão materna

Segundo Beauvoir (2016, p. 330), a maternidade somada às repressões ditadas pela manutenção de um lar organizado transforma a mulher em uma pessoa azeda e nervosa. Para a autora: “Ela perde sempre, no que quer que aposte, e seus ganhos são precários, não se inscrevem em nenhum êxito seguro.” Como resultado, não há recompensas em algumas maternidades além da sobrecarga e da solidão de quem não construiu outras realidades fora do núcleo familiar: “A mulher encerrada no lar não pode fundar ela sua própria existência; não tem os meios de se afirmar em sua singularidade e, esta, por conseguinte, não lhe é reconhecida.” Especificamente sobre as populações rurais, Beauvoir (2016, p. 330) defendia que “[...] a mulher é apenas uma criada apreciada segundo o trabalho que fornece e substituída sem lamentações caso desapareça.”

A partir de tais considerações, é possível compreender que a solidão materna, em sociedades patriarcais, é resultado de um entendimento social que condiciona as mulheres à dedicação extrema à família e aos cuidados com o lar. Então, pouco sobra a elas de tempo para que se dediquem apenas a si mesmas e que construam ‘núcleos’ de relacionamentos que permitam com que sejam amparadas quando a família lhes ‘falte’. Em relação a isso, é possível apontar diferenças na configuração da maternidade em “tribos” ou “comunidades” matriarcais, ou matricêntricas, em que ser mãe é uma espécie de pacto social e há um suporte entre as pessoas dessas sociedades para que a mulher/mãe seja amparada e não seja sobrecarregada. Como afirma Rosiana Kist:

[...] entre indígenas e tribos africanas é muito comum o senso de responsabilidade coletivo, em que o cuidado com as crianças é tarefa de todas as mulheres da aldeia. Essa divisão, ainda que não igualitária, porque não costuma contar com homens, já torna o exercício da maternagem mais fácil e acolhedor, em que mães devem dar conta das tarefas completamente sozinhas. (2020, p. 41)

Tal fato é perceptível em um trecho do romance de Emecheta, em que Nnu Ego, na condição de esposa mais velha de Amatokwu, cuidava do bebê da esposa mais jovem: “A mulher mais jovem não ficava com o filhinho só para si, mas permitia que Nnu Ego, em sua qualidade de primeira esposa, participasse da criação do menino.” (EMECHETA, 2018, p. 48)

Nesse aspecto - diferentemente do que acontece nessas tribos e comunidades -, em regiões em que o patriarcado é o sistema vigente e, somado ao capitalismo, expõe as mães à pobreza e à sobrecarga e acúmulo de funções, a solidão da mulher que tem filhos é uma consequência.

Junto a isso, a pobreza condiciona a ausência do homem africano, que é o principal responsável por manter o lar financeiramente, e que precisa se afastar de sua família, às vezes por meses ou anos, para trabalhar, o que potencializa a solidão da mãe em África, especialmente em regiões pós-colonização. Tal fato corrobora a manutenção de um cenário que se perpetua há décadas: a pobreza em um ciclo infinito entre africanos, especialmente negros, e o desgaste da mulher que é mãe e pobre e que tem a solidão como recompensa.

A obra de Emecheta nos permite observar a mulher negra e africana longe do estereótipo de ‘mulher forte’ e extremamente resiliente. A autora não romantiza a maternidade, o sofrimento materno e não coloca sua protagonista como uma heroína que não se deixa abater pelos impactos do racismo, que a empurram para a pobreza e a sobrecarga. Pelo contrário, através da realidade de personagens femininas nada lineares, expõe as adversidades maternas que, aliadas ao contexto cultural, culminaram em solidão e desgosto. Sobre isso, Bamisile (2012) defende que “em termos conceptuais Emecheta apresenta as personagens femininas de uma maneira realista. São geralmente personalidades complexas, cujo comportamento é definido e determinado pela sua interação com a sociedade. ( p. 150)”.

Acerca da solidão da mulher que é mãe em sociedades modernas, há um apagamento da vida social e profissional da mulher. Por ganhar menos do que o homem<sup>12</sup>, muitas vezes é ela que abre mão do emprego e fica em casa cuidando dos filhos, quando não tem condições financeiras de pagar alguém que o faça. Nesse mesmo contexto, a licença-maternidade é encarada como prejuízo econômico, o que faz com que as empresas rejeitem mulheres com visível probabilidade de se tornarem mães. Algumas amigas também diminuem, já que a realidade da mulher/mãe muda radicalmente e é basicamente limitada aos serviços domésticos e aos filhos.

A solidão materna não é limitada apenas às mulheres que não têm maridos. A sobrecarga e a solidão também são consequências na vida de mulheres casadas, quando homens, que não são incentivados socialmente a exercerem plenamente o papel de um pai presente, não se envolvem de forma efetiva na criação dos filhos. Dessa forma, apesar de basicamente “empurrar” a mulher para a maternidade, a sociedade não dá a ela o suporte para que ela enfrente essa condição de forma menos solitária.

---

<sup>12</sup> No Brasil, mulheres ganham 77,7% do salário dos homens, segundo o IBGE (2019).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, foi possível fazer uma análise acerca do romance de Buchi Emecheta, *As alegrias da maternidade* (2018), com enfoque na trajetória da protagonista Nnu Ego, e sua busca pela realização pessoal e aprovação social através da maternidade, - a qual é vista socialmente na Nigéria como a mais importante função social de uma mulher - que a submete à anulação de si mesma e de suas vontades em favorecimento de seus filhos, especialmente os homens, e de seu marido. Tal obra retrata, ainda, seus sofrimentos potencializados pela pobreza extrema, pelo colonialismo e pela cultura patriarcal, que resultam em uma maternidade sofrida e solitária.

Como alguns recortes, na obra, há a maternidade em África, especificamente em Nigéria, tanto em contexto rural como em áreas urbanas, há também o machismo da sociedade patriarcal, além da maternidade compulsória, tanto no patriarcado como em culturas matricêntricas, que faz as mulheres acreditarem que só serão completas ao serem mães. Também há a pobreza extrema e a solidão materna, além do acúmulo de funções e da exaustão como consequência de tais fatores. Todos os elementos culminam na solidão materna e na infelicidade da protagonista Nnu Ego.

Após alguns questionamentos acerca da obra de Emecheta, é possível, também, levantar algumas hipóteses que visam ‘dar conta’ das questões apresentadas e da trajetória da protagonista Nnu Ego. Conforme já foi exposto, em África, a maternidade é exaltada e supervalorizada e uma das principais funções sociais das mulheres é ser mãe, especialmente de meninos. Quando isso não acontece, elas são vistas como insuficientes ou incompletas, o que acarreta sofrimento e frustração. A partir do conceito de “unidade matricêntrica” e “maternidade compartilhada”, de Ifi Amadiume, entende-se que o desejo de Nnu Ego, conforme apontam Rodrigues e Oliveira, “não se trata apenas de um ideal de mulher, mas a configuração realizada de um desejo comunitário de sua tribo.” (2021, p. 419).

No entanto, no caso da obra analisada, e no contexto em que a protagonista está inserida, não basta ter filhos, é necessário se dedicar de forma integral a eles, e ao marido, mesmo que, para isso, a mulher tenha que abrir mão de suas próprias necessidades. Ela não existe para suprir suas próprias vontades, existe como uma extensão dos homens de sua vida, aos quais precisa se dedicar completamente para ser socialmente valorizada e, ainda assim, sob o risco de nunca alcançar tal valorização e reconhecimento.

Como consequência, não é possível criar laços de amizades verdadeiras, ou se dedicar aos próprios sonhos, pois é necessário estar ‘inteira’ na maternidade para que seja uma mulher

realizada e uma mãe eficiente. Por viver a maior parte de sua vida se dedicando aos afazeres domésticos, ao marido e aos filhos, como ocorreu com Nnu Ego, as outras relações, como as amizades, são escassas ou inexistentes, o que resulta em uma trajetória solitária na busca frustrante pela completude, como comprova certo trecho em que o narrador se refere ironicamente à Nnu Ego: “Nunca fizera muitos amigos, de tão ocupada que vivera acumulando as alegrias de ser mãe.” (EMECHETA, 2018, p. 314)

Por meio da expectativa de Nnu Ego de que dos percalços da maternidade viria a recompensa de uma velhice feliz e amparada pelos filhos, é possível deduzir que, no caso da protagonista, não há recompensas em se anular e dedicar uma vida inteira a ser mãe, não há vitória pessoal no esgotamento e auto anulação, ou na dedicação aos filhos em detrimento de si mesma. Em uma sociedade que supervaloriza a maternidade, seja patriarcal ou matriarcal, os desejos das mulheres são esmagados pelas necessidades masculinas e servir aos homens pode não ter qualquer retribuição.

Como já fora mencionado, a obra de Emecheta retrata a maternidade na realidade africana, com recortes específicos, porém, na perspectiva da autora, a qual viveu por muitos anos na Europa e, por isso, tinha uma perspectiva híbrida de mundo. Assim, há uma crítica, já perceptível no título irônico do livro, a uma sociedade machista e que tira das mulheres o direito de viver para si mesmas, sem que sejam o apêndice de alguém. A obra de Buchi Emecheta faz jus à realidade de mulheres de todo o mundo, as quais vivem à margem, à base de uma existência precarizada e infeliz.

Em sociedades do mundo inteiro, ser mãe é uma imposição, às vezes velada, e as mulheres que não têm filhos se sentem culpadas e frustradas por não terem correspondido a um desejo social, mesmo que não seja seu próprio desejo. No entanto, apesar desse condicionamento, algumas sociedades não amparam as mulheres que têm filhos, o que resulta em apagamento de suas vontades e subjetividade e em uma solidão as adocece. Somado a isso, está o capitalismo, o qual coloca as mulheres/mães em múltiplas jornadas em busca de subsistência.

Em suma, o romance de Buchi Emecheta “desromantiza” a maternidade, e denuncia o estrago das tradições matriarcais e patriarcais na trajetória das mulheres, as quais se submetem a vontades coletivas, raramente as questionando, sem que encontrem alegrias nesse percurso. Desse modo, Buchi Emecheta se fez uma amplificadora potente das vozes femininas/negras que viviam à margem da sociedade, denunciando os modelos patriarcais e racistas de vida através de sua literatura.

## REFERÊNCIAS

- AKUJOBI, R. **Motherhood in African Literature and Culture**. Comparative Literature and Culture. In: GARCIA, R. M. ; FERREIRA, R. S. **A subalternização das mulheres na Nigéria colonial: uma análise do romance As alegrias da maternidade**, de Buchi Emecheta. Revlet- Revista Virtual de Letras, v. 11, p. 219-238, 2019. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/534.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2021.
- ALLEGRETTI, Fernanda Espindola. **Aborto e maternidade compulsória: considerações acerca dos direitos reprodutivos das mulheres**. III Congresso Nacional Ciências Criminais e Direitos Humanos, Ijuí, v. 1, n. 1, 2019, p. 1-13. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/cnccdh/article/view/11837/16315>. Acesso em: 09 ago. 2021.
- AMADIUME, Ifi. **Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture**. Londres: Interlink Publishing Group, 1997.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAMISILE, Sunday Adetunji. **Questões de gênero e da escrita no feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana**. Tese. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8699/1/ulsd65962\\_td\\_Sunday\\_Bamisile.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8699/1/ulsd65962_td_Sunday_Bamisile.pdf). Acesso em: 01 ago. 2021.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e mitos, volume 1 / Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.**
- \_\_\_\_\_. Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida, volume 2 / Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.**
- BOTELHO, Helena. **Maternidade compulsória e a escolha da mulher**. São Paulo: UNESP, 2017. Disponível em: <http://reporterunesp.jor.br/2017/05/14/maternidade-compulsoria/>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- DE OLIVEIRA, F. C. **O matriarcado e o lugar social da mulher em África: Uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos**. ODEERE, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 316-339, 2018. DOI: 10.22481/odeere.v3i6.4424. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4424>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. Lisboa: Editora Pedagogo, 2015.
- EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.
- FARIAS, Rodolfo Moraes; PINHEIRO, Vanessa Riambau. **A progenitora obstinada: apontamentos sobre a representação da maternidade igbo na prosa de Buchi Emecheta e Chimamanda Ngozi Adichie**. Ilha Desterro, Florianópolis, v. 74, n. 1, pág. 405-418, abril de

2021 . Disponível em [http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-80262021000100405&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80262021000100405&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 jan. 2022.

GREER, Germaine. **Sexo e destino**: a política da fertilidade humana. 2. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=resultados>. Acesso em: 20 jan. 2022.

KIST, Rosiana. **A experiência da escrita e da maternidade em duas obras de autoria feminina**: um estudo comparativo de as alegrias da maternidade e as parceiras. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2931/1/Rosiana%20Kist.pdf> Acesso em: 29 jan. 2022.

Michaelis. **Dicionário Online** de Português. Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/compu%3%B3rio>. Acesso em: 29 jan. 2022.

OYËWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero / Oyèrónké Oyëwùmí; tradução Wanderson Flor do Nascimento. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

RODRIGUES DE MATOS OLIVEIRA MARTINS, W.; OLIVEIRA MARTINS, S. R. Nem só útero, nem só sexo:: o corpo e a condição feminina na literatura de Buchi Emecheta. **Afro-Ásia**, [S. l.], n. 64, p. 400–430, 2021. DOI: 10.9771/aa.vi64.38755. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/38755>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SCHOLL, Camille Johann. **Matriarcado em África**: uma análise sobre o pensamento de cheikh anta diop e ifi amadiume. **Revista de História Bilros. História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 174 - 189, jan. 2019. ISSN 2357-8556. Disponível em: <http://seer.uece.br/?journal=bilros&page=article&op=view&path%5B%5D=3100&path%5B%5D=2628>. Acesso em: 04 jan. 2022.